

A humanidade no viés juvenil

Hilário Dick*

Enquanto se discute se existem “juventudes” ou “juventude”, enquanto se debate acaloradamente se a juventude é uma “categoria” ou não, enquanto todos reconhecem que vivemos uma “onda juvenil” – com mais de um bilhão e quinhentos milhões de jovens (mais de um bilhão só na Ásia) inscritos nesse segmento, espalhado pelos continentes e que não consegue exercer seus direitos de cidadania –, escrever a história da juventude no mundo é como escrever a história da humanidade no viés juvenil. Na África, só em dois países o percentual de jovens é de menos de 30% da população; na Ásia, de 46 países os jovens são mais de 30% da população em 22 deles; na Europa, de 2005 a 2006 houve um aumento da população jovem.

A história dessa “massa” enorme que assusta e entusiasma é um assunto pouco explorado, pouco desejado e considerado muito complexo. Está na hora, no entanto, de nossa história deixar de ser somente uma história de adultos. Um povo sem memória é um povo sem coluna vertebral, dizia Che Guevara; uma juventude sem memória é uma juventude que se dobra aos sabores dos ventos. Já existem livros que falem da História dos Jovens (1), mas eles são poucos, tendo que abrir fronteiras. Aqui, embora movendo-nos quase que unicamente no mundo ocidental, a tentativa é despertar para aquilo que significa o jovem ser sujeito de sua história e da história da sociedade. O desafio é fazer um discurso minúsculo sobre a história da juventude no mundo, que existe mas é silenciada, também, pelos livros de história.



Protagonismo no discurso

Começamos pelo mundo hebraico, tomando como fonte o Antigo Testamento dos cristãos. Deparar-nos-emos com figuras como Moisés – jovem matando um egípcio; Davi – rei dançando nu diante da Arca da Aliança; Ester, sobrevivendo pela astúcia; Tobias, encarnando a amizade e a busca do amor; José do Egito, vendido pelos irmãos; Rute e Daniel, os personagens do “Cântico dos Cânticos”, e tantos outros. Em todo o Antigo Testamento, quando os escritores querem dizer algo importante para o povo, a voz é dada para os jovens. Indo para a Grécia antiga, vendo Sócrates sendo morto porque pervertia a juventude, como seria bom sabermos ler os “discursos” que fazem personagens como a jovem Antígone e seu namorado. Quem se dá conta de que no Império Romano já existia um ministério da juventude e que havia, até, uma

Escrever a história da juventude no mundo é como escrever a história da humanidade no viés juvenil.

deusa chamada “Juventas”? Sempre ficamos impressionados com as centenas e centenas de “meninas” sendo mortas, nos primeiros séculos do cristianismo, por causa da virgindade (assim é que diz a história). Será que essas meninas assassinadas não poderiam estar defendendo o direito de não ser objeto, isto é, será que não seriam as antecessoras do feminismo que conhecemos?

“Goliardos” e Pícaros

Penetrando na Idade Média, entre tantas outras figuras, deparar-nos-emos com os “goliardos”, jovens estudantes e alegres, apavorando com sua alegria e irreverência as pequenas cidades, mas suscitando o que seria realidade logo mais: os campi universitários. Quem eram os que ingressavam nos mosteiros de São Bento, de tanto significado para

Nos séculos 16 e 17, as figuras juvenis que se destacam são os “pícaros”, encarando de forma juvenil uma sociedade inteira perdida em meio à mudança de paradigmas.

aquela época? Quem representava uma Joana d’Arc, moça de 18 anos, catequista e rezadeira, enfrentando (vestida de homem) os exércitos ingleses? Francisco de Assis, com seu espírito revolucionário e ecológico, foi e chegou a significar o que é somente na sua vivência de adulto? Não eram somente figuras isoladas, mas representantes de um modo de ver a vida.

Nos séculos 16 e 17, as figuras juvenis que se destacam são os “pícaros”, encarando de forma juvenil uma sociedade inteira perdida em meio à mudança de paradigmas. Um grande escritor que retratou esses tipos de jovens é Miguel de Cervantes, não deixando de ele mesmo ser – autor de *Dom Quixote de la Mancha* – um desses pícaros, enfrentando ao mesmo tempo o enriquecimento rápido da Espanha e o empobrecimento deplorável de grande parte da população. Em vez de perder-nos em histórias de amor como as de Romeu e Julieta e tantos outros, como seria bom penetrarmos no discurso que esses/as jovens fazem nos teatros e novelas!

“Moratória social” às claras

Uma época mais questionadora é a da Revolução Industrial. Vendose abandonada pelos pais, obrigada a trabalhar nas fábricas, a juventude da escola exigiu muitas vezes a presença do exército para manter a ordem, isto é, para controlar essa “massa” que se encontrava nos colégios. Não deu certo, na França, a pedagogia da “Escola de Marte”, exigindo disciplina e outras atitudes militares. Para sabermos o que era essa “Escola” basta lermos o romance *“O Ateneu”*, de Raul Pompéia. Foi nesse tempo que se começou a falar claramente da “moratória social” (internatos, quartéis, escolas orientadas pela disciplina etc.), instrumentos de controle da população jovem, opondo-se ao que se denominou, mais tarde, de “moratória vital”, uma energia e um capital que todo jovem dos 15 aos 30 anos carrega em si. Nem sempre nos perguntamos por que foi nessa época que surgiram, na Igreja Católica, centenas de Congregações Religiosas afirmando-se movidas pelo carisma do trabalho junto à juventude. Foi nessa época de implantação do capital que surge, no mundo da literatura, o Romantismo, com a sua volta à natureza. Mais ainda: foi nessa época que começaram a surgir movimentos significativos de jovens, fortemente acompanhados por adultos, que se caracterizaram pela volta

à natureza: “Sturm und Drang”, os “reinos”, as “abadias”, os “corpos da juventude” e, logo mais, movimentos como “Wandervogel” ou, então, como o Escotismo de Baden Powel.

Reação dos adultos

Chegamos assim ao século 20 com uma juventude irrequieta, que preocupava toda a sociedade, mas sem condições de tornar-se, de fato, protagonista em sua caminhada. Para qualquer atitude mais “revolucionária”, os adultos encontravam formas de controlar os jovens à base do autoritarismo, chegando a formas muito bem construídas de manipulação. Exemplos a recordar, por isso, são os da Juventude Hitlerista (na Alemanha), da Juventude Fascista (na Itália), da Juventude Falangista (na Espanha) e de muitas outras “juventudes”, desde o Japão até a Venezuela. Estávamos no começo do século 20.

Talvez não pelas mesmas motivações que entusiasmaram mobilizações juvenis de milhões, a Igreja Católica iniciou, nos anos de 1930, a implantação da Ação Católica Especializada. Eram formas que os adultos encontravam para “controlar” o segmento juvenil. Não nos esqueçamos, também, de que a Primeira Guerra Mundial matou, somente na Europa, mais de 8 milhões de jovens. Por outro lado, o psicólogo Stanley Hall apresentava a adolescência (em 1904) como “storm and stress”, expressões muito significativas. Logo depois, em 1945, em Memphis (EUA), surge o “rock and roll” e a escola (high school), que se converteu no centro da vida social de uma nova categoria de idade: os *teenagers*. Em 1955 James Coleman publica *“The Adolescent Society”*, chegando à conclusão de que nas redondezas da escola surge a “sociedade dos adolescentes”.



1968: impressionante como esse ano foi marcante para a juventude de todo o mundo.

Publicações sobre Maio de 1968 em estande de evento na França



Arma-se a reação

Entrávamos, depois, no que foi denominada de geração juvenil do Pós-Guerra. As formas de afirmação dos jovens tomaram diferentes formas, bastando recordar “Rebeldes sem causa” e grandes expressões culturais, tanto na Europa como nos Estados Unidos. Em 1964, em Berkeley, os jovens universitários iniciam o Movimento pela Liberdade de Expressão, encontrando-se com a “beat generation” de São Francisco. A juventude era considerada como uma “nova classe” portadora da missão emancipadora. Era a revolta da nova geração. Isso se torna em manifesto com Theodore Roszak com *“The making of a counterculture”*. E chegamos ao ano de 1968. Impressionante como esse ano foi marcante para a juventude de todo o mundo. Parecia uma “revanche” das manipulações sofridas em 1920 e 1930 para explodir numa revolta geral. Não é errado dizer que se solidificou a cidadania e o “empoderamento juvenil”. Numa perspectiva tanto cultural (com o surgimento, por exemplo, dos hippies em 1970) como política (como a geração dos revolucionários dos inícios da década de 70), convencidos de que a revolução socialista já estava na esquina (América Latina) ou de tudo que significou a Revolução Cultural de Mao, na China e suas repercussões em todo o mundo, a juventude entrava numa nova fase.

A humanidade no viés juvenil tem novidades, mas a novidade assusta e, por isso, elas são silenciadas.

Década perdida?

Para a juventude a década de 1980 não foi uma década perdida. Ela foi o tempo do Ano Internacional da Juventude, um tempo que ela viveu e em que conseguiu expressar sua energia vital em duas formas muito distintas: primeiramente pela aposta numa visão de mundo apolínea, seguida logo depois por uma visão de mundo dionisíaca. Se Apolo é o deus da razão, da articulação e da organização – isso ficou patenteado pelo que a juventude fez; se Dionísio é o deus do prazer, do corpo, do vinho e da exploração alegre do momento presente – isso também fica evidenciado nas milhares de manifestações que começaram a surgir. A data (se é assim que podemos falar) que marca a mudança de hegemonia de um modo de ser e viver para o outro, foi 1989, com a queda do Muro de Berlim. Para a juventude foi muito mais do que a aproximação de dois mundos adversos. Para a juventude significou que a utopia social começou a ser substituída pela utopia corporal. E nisso navegamos, ainda, no momento presente, ajudados pelas descobertas velozes

da informática e da tecnologia. Foi nesse contexto que assistimos, há pouco tempo, os jovens europeus explodindo mais de 25 mil automóveis (2). Numa sociedade que quer crer que a felicidade está no “ter”, surgem milhares de jovens gritando – para quem quisesse ouvir – que a felicidade não anda sobre quatro rodas. Será que a sociedade está preparada ou deseja ouvir novamente os “discursos” que a juventude faz? A humanidade no viés juvenil tem novidades, mas a novidade assusta e, por isso, elas são silenciadas. 🗣️

NOTAS:

(1) Veja-se DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes*. São Paulo: Loyola, 2003.

(2) O autor se refere às revoltas de jovens das periferias de Paris, ocorridas em 2006.

*HILÁRIO DICK é doutor em Literatura Brasileira, coordenador do curso de pós-graduação em Juventude da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS - São Leopoldo) e membro do Observatório Juvenil da UNISINOS. Participa da Rede Latino-Americana de Pesquisadores em Juventude. Há 30 anos acompanha grupos de jovens. E-mail: hildick@terra.com.br